

**ORIGINAL ARTICLE****CLINICAL EDUCATION OF NURSING: A SUPERVISION MODEL****ENSINO CLÍNICO DE ENFERMAGEM: UM MODELO DE SUPERVISÃO****ENSEÑANZA CLÍNICA DE ENFERMERÍA: UN MODELO DE SUPERVISIÓN***João José de Sousa Franco¹***ABSTRACT**

Transformations in the nursing teaching had implied permanence time reduction of the professor in nursing clinical education. This has the duration of half of the course and being an activity of education and learning, it demands the study and reflection of orientation models taking care that the old ones are exceeded. Descriptive study, from quantitative nature, aiming at identify a students' orientation model in nursing clinical education based on professors and nurses opinions. It was applied a questionnaire from 39 professors and 39 nurses, where they would have to choose the type of orientation that they preferred of between five definite types. The inclusion criterion was to guide students in nursing clinical education. The results indicated that in the global type 3 has been chosen more, having the professors preferred type 1 and the 3 and nurses types 3 and 4. It was identified significant statistic difference between the professors and nurses in the type 4 and between the nurses and nurses specialists in types 1, 3 and 4. It was not possible to identify an only type of education that leads to the construction of a model. It was proposed a model based on this results and author's reflection, composed from four aspects: environment, scene, context and personages. **Descriptor:** education; nursing; teaching; methods.

RESUMO

As transformações no ensino de Enfermagem implicaram a redução do tempo de permanência do professor em ensino clínico de Enfermagem. Este ocupa metade da duração do Curso e sendo uma actividade de ensino e aprendizagem, exige o estudo e reflexão de modelos de orientação atendendo a que os antigos estão ultrapassados. Estudo descritivo, de natureza quantitativa, com o objectivo geral de identificar um modelo de orientação de estudantes em ensino clínico de Enfermagem a partir das opiniões de docentes e enfermeiros. Aplicou-se um questionário a 39 docentes e 39 enfermeiros, em que deveriam escolher o tipo de orientação que preferiam dentre cinco tipos definidos. O critério de inclusão foi orientar alunos em ensino clínico. Os resultados indicaram que, no global, o ensino tipo 3 foi o mais escolhido, tendo os professores preferido os tipos 1 e 3 e, os enfermeiros, os tipos 3 e 4. Foi identificada diferença estatisticamente significativa entre os docentes e enfermeiros no tipo 4 e entre os enfermeiros e os enfermeiros especialistas nos tipos 1, 3 e 4. Não foi possível identificar um único tipo de ensino que conduza à construção de um modelo. Propõe-se um modelo de orientação, com base nos resultados e na reflexão do autor, composto por quatro aspectos: o ambiente, o cenário, o contexto e as personagens. **Descritores:** educação em enfermagem; ensino; métodos.

RESUMEN

Las transformaciones en la educación de enfermería habían implicó la reducción de la permanencia del profesor en la enseñanza clínica de enfermería. Este ocupa la mitad de la duración del Curso y de ser una actividad de enseñanza y aprendizaje, exige el estudio y la reflexión de modelos de orientación considerando que los antiguos perdieron utilidad. Estudio descriptivo, de naturaleza cuantitativa, con el objetivo general de identificar un modelo de orientación de estudiantes en la educación clínica de enfermería a partir de las opiniones de los profesores y de las enfermeras. Se aplicó un cuestionario a 39 profesores y 39 enfermeras, donde debían elegir el tipo de orientación que prefirieron entre cinco tipos definidos. El criterio de inclusión fue dirigir estudiantes en la educación clínica. Los resultados indicaron en término global, que la enseñanza tipo 3 fue la más elegida, los profesores prefirieron los tipos 1 y 3 y las enfermeras los tipos 3 y 4. Fue identificado diferencia estadísticamente significativa entre los profesores y las enfermeras en el tipo 4 y entre las enfermeras y enfermeras especialistas en los tipos 1, 3 y 4. No fue posible identificar un único tipo de enseñanza que conduzca a la construcción de un modelo. Se propone un modelo de orientación, con base en los resultados y em la reflexión del autor, integrada por cuatro aspectos: el ambiente, el escenario, el contexto y los personajes. **Descriptor:** educación en enfermería; enseñanza; métodos.

¹Professor Coordenador da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, Porto – Portugal (PT). Mestre em Administração e Planificação da Educação. E-mail: franco@esenfc.pt

INTRODUÇÃO

O Curso de Licenciatura em Enfermagem (CLE) em Portugal tem vindo a sofrer muitas transformações que lhe conferem hoje um reconhecimento académico e uma das taxas de procura mais elevadas.¹ As novas exigências implicam que a formação dos estudantes procure novas formas de melhorar a aprendizagem, entre as quais, novos modelos que permitam melhor articulação entre os diferentes atores.

O CLE tem uma componente de ensino clínico em enfermagem (ECE) com a duração mínima de 50% do total do curso², que lhe confere uma particular importância na aprendizagem dos estudantes em contextos reais de trabalho.^{3,4} Neste sentido nos últimos anos têm-se realizado vários trabalhos centrados no ensino clínico, na procura de respostas para os diferentes problemas.

Ao longo dos anos e em vários locais de ECE têm sido utilizados diferentes tipos de supervisão, de acordo com os recursos disponíveis, os planos de estudo, variáveis educativas e políticas. Contudo, o ensino clínico, enquanto formação em cuidados de Enfermagem, prevê que o estudante, integrado numa equipa, e em contacto direto com o indivíduo são ou doente e/ou a comunidade, aprende a planear, executar e avaliar os cuidados de enfermagem exigidos com base nos conhecimentos e aptidões adquiridos.¹ É portanto uma atividade de ensino/aprendizagem de elevada exigência para todos os profissionais intervenientes no processo educativo, exigindo o estudo e reflexão sobre modelos capazes de proporcionar as melhores aprendizagens aos estudantes.

As realidades que emergem nos atuais sistemas de saúde tornam obsoletos os sistemas clássicos de formação em contexto clínico⁵, surgindo a necessidade de estudar as diversas dimensões inerentes à prática clínica e à sua supervisão, nomeadamente modelos de supervisão em ensino clínico. Neste contexto e partindo do conhecimento da existência de vários tipos de supervisão em ECE, o autor levantou como questão inicial: qual o tipo de supervisão de estudantes em ECE preferido pelos docentes e enfermeiros?

Esta questão de partida tem como objectivo geral identificar um modelo de orientação de estudantes em ensino clínico de enfermagem a partir das opiniões dos docentes e enfermeiros. A partir da questão inicial e do objectivo geral definiu os seguintes objectivos: identificar os tipos de supervisão preferidos para a aprendizagem dos

estudantes em ECE; relacionar o tipo de orientador e as suas categorias profissionais com os tipos de supervisão preferidos; definir as componentes de um modelo de supervisão a partir dos resultados encontrados.

A partir de um enquadramento teórico o autor elaborou um estudo descritivo e exploratório de natureza quantitativa, apresenta os resultados obtidos e a sua discussão, bem como uma proposta de modelo de supervisão.

ENQUADRAMENTO

A orientação de alunos em ECE que era tradicionalmente feita por professores das escolas de Enfermagem, tem vindo a ser partilhada pelos enfermeiros, principalmente a partir de 1992 com a publicação do Decreto-Lei 166/92 de 5 de Agosto, que define 12 horas como o tempo máximo de relação direta do professor com os estudantes. Deste modo ficam postas em causa as antigas metodologias de orientação de alunos, passando o trabalho em equipa (professores e enfermeiros), a constituir-se como o núcleo central do processo ensino/aprendizagem.

Esta nova realidade traz novos atores ao processo formativo, não apenas os professores e a escola, mas todos os intervenientes no processo ensino/aprendizagem, os quais têm responsabilidades do ponto de vista pessoal e profissional, não apenas no processo, mas também no desenvolvimento de estudos e estratégias que conduzam à formação de profissionais de excelência.

A problemática da orientação de estudantes em ECE cruza-se com os atores, onde se incluem os papéis, as estratégias e as oportunidades, que tem como fim último proporcionar as melhores aprendizagens aos estudantes. Contudo, uma das primeiras questões que se abordam quando do ECE é a designação dos processos e dos seus intervenientes.⁵ A falta de consenso sobre a terminologia a utilizar nos processos de supervisão que se desenvolvem em ensino clínico, quer pelas designações utilizadas nos vários países não terem uma correspondência precisa entre si, quer pela ausência de definição de terminologia, obriga a clarificar alguma da terminologia utilizada neste trabalho.

A designação “supervisor” é considerada como idêntica à de “orientador pedagógico”⁶, considerando-se *supervisão* como sendo um processo em que uma pessoa experiente e bem informada orienta outra pessoa no seu desenvolvimento humano e profissional.^{7,8} Por outro lado a terminologia utilizada na literatura mais recente relativa a ensino clínico refere-se

Franco JJS.

aos processos de “supervisão”⁵, pelo que embora possa existir aproximação conceptual entre os dois termos, o autor utiliza a designação *supervisão*. De acordo com o exposto considera-se neste estudo *supervisão* como o processo em que uma pessoa experiente e bem informada presta ajuda aos estudantes para alcançarem a plena maturidade no seu desenvolvimento humano educacional e profissional, numa atuação de monitorização sistemática da prática, sobretudo através do acompanhamento contínuo e de procedimentos de reflexão e experimentação.^{5,6,7}

Alguns autores consideram a designação “modelos” quando se referem aos processos de supervisão^{1,5}, sendo também utilizada a designação de “cenários da prática pedagógica”, quando se referem aos modelos de supervisão pedagógica.⁷ Apesar da designação “modelo” parecer restritiva ou demasiado fixista, a sua escolha resulta do fato de ser a mais comum entre os diversos autores^{1,3,5} e por não ter encontrado outro termo melhor.

Os diferentes *tipos de modelos* podem ser agrupados em: modelos teóricos (representações que explicam as teorias e/ou enfoques que fundamentam a intervenção) e modelos de intervenção (representações que explicam como se enfrenta a intervenção de supervisão).⁹ As várias formas de supervisão que se têm adaptado, procuram conciliar as evoluções na Enfermagem, quer na área da formação como na da prestação de cuidados. Neste sentido os modelos de supervisão podem ser múltiplos e apesar de o autor se aproximar mais do modelo reflexivo ser mais eclético, abrangente e dinâmico, não elegeu nenhum modelo de formação à priori, na medida em que essa escolha de um conduziria a um processo de legitimação da forma identitária correspondente e da deslegitimação dos outros.

Devido às diferentes realidades e às rápidas transformações que se operam no campo educativo e da assistência, o autor considera que pode não haver um “bom modelo” em si mesmo, mas apenas modelos mais ou menos adaptados aos objetivos “políticos” da formação e às formas identitárias dos campos de estágios e dos seus atores.

Para este estudo optou-se pelos tipos de supervisão utilizados no ECE, que decorrem dos sistemas de trabalho adaptados nos serviços, identificados através de entrevistas a 30 professores e 30 enfermeiros de instituições de saúde e de ensino da região centro do país, subordinadas à seguinte questão: “refira os tipos de supervisão de estudantes que conhece”.¹⁰ Foram assim

Clinical education of nursing: a supervision model.

identificados os seguintes tipos de supervisão¹⁰:

Tipo 1 – Um enfermeiro do serviço destacado em horário fixo para apoiar a supervisão dos estudantes em articulação com o professor, sendo os estudantes distribuídos pelos restantes enfermeiros da equipa.

Tipo 2 – Dois ou três enfermeiros do serviço destacados em horário fixo para apoiar a supervisão dos estudantes em articulação com o professor, sem a participação dos restantes enfermeiros da equipa.

Tipo 3 – Um ou dois estudantes distribuídos por enfermeiro, sendo orientados por este, com o apoio do professor, fazendo os mesmos turnos que o enfermeiro a quem estão distribuídos.

Tipo 4 – O enfermeiro chefe apóia a supervisão dos estudantes em articulação com o professor e os estudantes são distribuídos pelos restantes enfermeiros da equipa.

Tipo 5 – Os estudantes são distribuídos pelos utentes e a supervisão dos estudantes cabe exclusivamente ao professor, com o apoio dos enfermeiros do serviço.

MÉTODOS

Foi feito um estudo do tipo descritivo e exploratório, de natureza quantitativa, para conhecer e obter mais informações sobre o assunto relacionado ao problema da pesquisa. O estudo incidiu na opinião dos orientadores (professores e enfermeiros), por estes serem os responsáveis envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

A partir da questão inicial e dos objetivos o autor definiu as seguintes hipóteses: há diferença no tipo de orientador relativamente ao tipo de supervisão de estudantes em ECE preferida? Há diferença da categoria profissional dos orientadores relativamente ao tipo de supervisão de estudantes em ECE preferida?

A variável dependente é a supervisão de estudantes em ECE, sendo categorizada nos cinco tipos referidos no enquadramento teórico.¹⁰ Para cada tipo de supervisão utilizou-se uma escala ordinal de 1 (maior preferência) a 5 (menor preferência), de forma a identificar as preferências de cada participante relativamente a cada tipo de ECE. De seguida fez-se a inversão da escala e a conversão linear de 0 a 100, para cada tipo de supervisão.

As variáveis independentes são: tipo de orientador (professor e enfermeiro) e categoria profissional (enfermeiro e especialista para os enfermeiros e assistente e

professor para os professores). As variáveis atributo deste estudo são o gênero, a idade e o tempo de exercício profissional (em anos). Os dados foram obtidos por questionário.

Após obter as autorizações institucionais para a realização do estudo, foram selecionados os professores de uma Escola Superior de Enfermagem, tendo como critérios de inclusão: ser professor do quadro da escola e ter orientado estudantes em ECE nos últimos dois anos. Os enfermeiros foram selecionados numa instituição de saúde, onde estagiam estudantes apenas da escola de Enfermagem incluída neste estudo, para reduzir as variáveis parasitas.

Previamente o Enfermeiro Supervisor selecionou oito serviços em que estagiaram estudantes do CLE. Em cada serviço foram aplicados cinco questionários, um ao Enfermeiro Chefe e os restantes quatro a enfermeiros selecionados pelo chefe, tendo como critérios de inclusão, ter mais de dois anos de exercício profissional, orientar estudantes em ECE, ter maior envolvimento no processo ensino-aprendizagem dos estudantes. Foi garantido o anonimato a todos os participantes.

Para o tratamento estatístico o autor utilizou o SPSS 14.0, tendo utilizado medidas de tendência central, de dispersão e o teste de Man-Whitney U. Considerou os resultados estatisticamente significativos para um nível de significância (p) inferior a 0,05.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 39 professores participantes no estudo 30,77% (12) são do gênero masculino e 69,23% (27) do gênero feminino, enquanto que dos 39 enfermeiros 33,33% (13) são do gênero masculino e 66,67% (26) do gênero feminino. Os professores têm em média 41,49 anos ($sd=5,76$) e os enfermeiros 36,36 anos ($sd=8,21$), sendo a diferença de médias estatisticamente significativa ($Z=2,437$; $p=0,015$).

No que diz respeito às categorias profissionais, 87,18% (34) dos professores têm a categoria assistente e 12,82% (5), a categoria professor, enquanto que no grupo dos enfermeiros 41,02% (têm a categoria de enfermeiro (sem especialidade) e 58,97% têm a categoria de Especialista ou possuem uma especialidade (caso dos chefes).

No que diz respeito ao tempo de exercício profissional pela figura 1 verifica-se que os professores têm, em média, mais tempo de exercício na escola e os enfermeiros têm mais tempo de exercício no hospital. Embora os professores tenham mais tempo no hospital que os enfermeiros na escola (devido ao fato de os professores serem recrutados de entre os enfermeiros da prática), a diferença de médias na escola é estatisticamente muito significativa ($Z=8,086$; $p=0,000$) e no hospital é significativa ($Z= 2,563$; $p=0,010$).

Tempo exercício	Professores						Enfermeiros					
	Assistent es		Professo res		Global		Enferme iros		Especiali sta		Global	
	\bar{x}	sd	\bar{x}	sd	\bar{x}	sd	\bar{x}	sd	\bar{x}	sd	\bar{x}	sd
Escola	7,9	3,8	8,4	4,9	11,4	5,6	9,2	7,5	20,3	5,4	0,0	0,4
Hospital	10,1	4,9	19,2	4,1	8,0	3,9	--	--	0,1	0,7	13,8	8,6

Figura 1. Tempo de exercício em anos dos professores e enfermeiros na Escola e no Hospital, por categorias.

Pela figura 2 verifica-se que os professores preferiram os tipos de supervisão 1 e 3, enquanto que os enfermeiros preferiram os

tipos de supervisão 3 e 4. No global o tipo de ECE mais preferido foi o tipo 3, seguido do tipo 1 e 4.

Tipo	Professores		Enfermeiros		Global	
	\bar{x}	sd	\bar{x}	sd	\bar{x}	sd
Tipo 1	67,95	29,77	55,13	32,54	61,54	31,65
Tipo 2	33,97	32,69	21,15	28,41	27,56	31,10
Tipo 3	67,31	33,02	60,90	31,83	64,10	32,38
Tipo 4	45,51	30,28	60,90	31,83	53,21	31,82
Tipo 5	35,26	36,15	51,92	37,34	43,59	37,46

Figura 2. Distribuição dos valores da média dos tipos de supervisão, segundo o tipo de orientadores no global.

Estudou-se se o tipo de orientador influencia o tipo de supervisão preferido. Os resultados apresentam-se no quadro 3. Verifica-se que existe diferença estatisticamente significativa nos valores da média apenas para o tipo 4 apresentando

valor mais elevado os enfermeiros relativamente aos professores.

Tipo de Supervisão	Tipo de Orientador	n	\bar{x}_{ord}	Z	p
Tipo 1	Professor	39	43,95	1,782	0,075
	Enfermeiro	39	35,05		
Tipo 2	Professor	39	43,88	1,805	0,071
	Enfermeiro	39	35,12		
Tipo 3	Professor	39	41,85	0,947	0,344
	Enfermeiro	39	37,15		
Tipo 4	Professor	39	34,09	2,165	0,030
	Enfermeiro	39	44,91		
Tipo 5	Professor	39	34,63	1,952	0,051
	Enfermeiro	39	44,37		

Figura 3. Diferença de médias para os tipos de ECE segundo o orientador.

Na figura 4 apresentam-se os resultados relativamente às preferências dos professores e enfermeiros, por categorias, procurando-se verificar se a categoria profissional do orientador influencia o tipo de supervisão preferido. Nos professores não foi encontrada diferença estatisticamente significativa em nenhum tipo de supervisão. Nos enfermeiros

não existe diferença estatisticamente significativa nos tipos 2 e 5, mas foi encontrada diferença estatisticamente muito significativa no tipo 1, apresentando os especialistas valor da média mais elevado relativamente aos enfermeiros, e nos tipos 3 e 4 apresentando os enfermeiros valor da média mais elevado do que os especialistas.

Tipo de Supervisão	Categoria do orientador	N	\bar{x}_{ord}	Z	p	
Professores	Tipo 1	Assistente	34	20,82	1,220	0,222
		Professor	5	14,40		
	Tipo 2	Assistente	34	19,54	0,675	0,499
		Professor	5	23,10		
	Tipo 3	Assistente	34	18,80	1,770	0,076
		Professor	5	28,10		
	Tipo 4	Assistente	34	20,56	0,830	0,407
		Professor	5	16,20		
	Tipo 5	Assistente	34	20,49	0,722	0,470
		Professor	5	16,70		
Enfermeiros	Tipo 1	Enfermeiro	23	14,57	3,677	0,000
		Especialista	16	27,81		
	Tipo 2	Enfermeiro	23	18,83	0,840	0,401
		Especialista	16	21,69		
	Tipo 3	Enfermeiro	23	23,91	2,663	0,008
		Especialista	16	14,38		
	Tipo 4	Enfermeiro	23	23,15	2,131	0,033
		Especialista	16	15,47		
	Tipo 5	Enfermeiro	23	20,57	0,381	0,703
		Especialista	16	19,19		

Figura 4. Diferença de médias dos tipos de supervisão preferida, de acordo com as categorias dos orientadores.

Os resultados encontrados indicam que no global os tipos 3, 1 e 4 são os mais preferidos. Os professores preferiram mais os tipos 1 e 3 e os enfermeiros os tipos 3 e 4. O tipo 4 apresenta diferença estatisticamente significativa entre os tipos de orientadores (com valor mais elevado nos enfermeiros relativamente aos professores). Este tipo de ensino e o tipo 3 apresentam diferença estatisticamente significativa entre os enfermeiros, apresentando valor da média mais elevado os que não são especialistas, relativamente aos especialistas. Ainda relativamente à diferença nas categorias dos enfermeiros a diferença estatisticamente

significativa encontrada no tipo 1 apresenta valor mais elevado nos especialistas.

DISCUSSÃO

A escolha do tipo 1 feita pelos professores pode refletir a necessidade da existência de um enfermeiro conhecedor das rotinas e técnicas do serviço que permita uma melhor supervisão dos estudantes, bem como uma melhor articulação entre os próprios enfermeiros. A escolha do tipo 3 provavelmente deve-se ao fato de os estudantes distribuídos por enfermeiros permitir um acompanhamento mais personalizado e uma supervisão continuada, com possibilidade de uma aprendizagem com mais estabilidade, coerência e adequada a cada estudante.

Os enfermeiros escolheram preferencialmente e em igual proporção os tipos 3 e 4. A escolha do tipo 3 poderá ter como razões as indicadas para os professores mas também por considerarem que a sua participação seria menos dispersa e mais focalizada no acompanhamento de um a dois estudantes, possibilitando maior interação e oportunidades de aprendizagem. Quanto à escolha pelo tipo 4, poderá ser devido ao fato de existir uma pessoa que institucionalmente já coordena a equipe, que tem uma categoria diferente dos restantes (Enfermeiro Chefe), tendo também uma remuneração de acordo com essa categoria. Esta escolha poderá evitar a criação de novas funções/cargos na equipa, o que conduziria à diferenciação de um elemento em relação aos restantes.

O fato de o valor da média de preferência dos professores ter sido mais elevado no tipo 1 e dos enfermeiros no tipo 4, poderá ter em comum a necessidade da existência, no serviço, de uma pessoa que colabore mais diretamente na supervisão dos estudantes. Neste sentido, a opção pelo Enfermeiro Chefe ou por um elemento designado para o efeito poderá ser a resposta.

Segundo as funções atribuídas ao Enfermeiro Chefe (Decreto-lei nº 437/91 de 8 de Setembro) cabe-lhe, para além de outras, a gestão do pessoal, do material e dos cuidados prestados no serviço. Contudo, a opção entre o Enfermeiro Chefe ou outro elemento da equipa, poderá resultar de um conjunto de fatores, como: número de estudantes em ECE (3 a 4 poderão ser coordenados pelo Enfermeiro Chefe, mas mais de 4 necessitam de uma pessoa com mais disponibilidade); filosofia de trabalho do serviço (mais ou menos centralizado no Enfermeiro Chefe); disponibilidade de pessoal.

O fato de se ter encontrado diferença estatisticamente significativa na preferência entre os enfermeiros especialista e os não especialistas no tipo 1, provavelmente decorre do fato de os especialistas, por terem mais anos de experiência profissional se sentirem mais à vontade para desempenharem a função de “apoio à supervisão em colaboração com o professor”. A diferença estatisticamente significativa entre os enfermeiros não especialistas e os especialistas no tipo 3 e 4, na qual se verifica que a média mais alta de preferência é dos enfermeiros não especialistas, sugere que os enfermeiros não especialistas consideram que devem orientar todos os enfermeiros do serviço e a haver um “coordenador” que seja o Enfermeiro-Chefe.

As diferenças encontradas entre os tipos 1 e 3 (existência de um “coordenador” na equipa) para os enfermeiros e os especialistas,

sugere que os primeiros preferem o enfermeiro chefe e os segundos um enfermeiro a designar pelo serviço, que potencialmente seria um especialista.

Quanto ao tipo 3 em que na diferença estatisticamente significativa encontrada, os enfermeiros apresentam valor da média mais elevada, pode ser devido por um lado a quererem ser incluídos no processo de orientação, ou por considerarem ser o tipo mais adequado, atendendo à sua experiência mais recente como alunos (por terem menos anos de experiência profissional), ou como desejo de participação no processo ensino/aprendizagem dos futuros profissionais de enfermagem.

Modelo de supervisão: uma proposta

Com base no princípio da possibilidade de opção entre a utilização de um modelo específico ou a utilização de um modelo que emerge da combinação de diferentes princípios e orientações⁴ e nos resultados obtidos, o autor propõe o modelo de supervisão que descreve.

Considera-se na idealização do modelo de supervisão quatro aspectos: o ambiente de trabalho, o cenário, o contexto e as personagens. Esta forma de apresentação resulta de não se tratar de um quadro teórico, mas sim de um modo de intervenção (ação).

Como ambiente de trabalho considera-se o modelo de formação reflexiva.⁴ O cenário de formação é o ECE, que decorre em instituições de saúde, sob a supervisão pedagógica dos professores e a responsabilidade prática dos enfermeiros. Neste, procura-se proporcionar aprendizagens aos estudantes (de acordo com as competências a desenvolver), através do planeamento, execução e avaliação de cuidados de enfermagem.

O contexto é composto por dois elementos: guia orientador de ECE e tipo de ensino clínico. O *guia orientador de ECE* é um documento escrito, onde se reúnem objetivos gerais de aprendizagem, normas, recomendações e sugestões, cuja elaboração é da responsabilidade da ESE ouvidas as equipas de enfermagem da instituição de saúde. Quanto ao *tipo de ensino clínico*, este deve conciliar os tipos 1 e 3 preferencialmente (as duas maiores escolhas dos professores), ou os tipos 3 e 4 (as escolhas em exéquo dos enfermeiros), dependendo de fatores como: número de estudantes (três a quatro poderão ser coordenados pelo Enfermeiro Chefe, mas mais de quatro necessitam de uma pessoa com mais disponibilidade); filosofia de trabalho do serviço (mais ou menos centralizado no Enfermeiro Chefe); disponibilidade de pessoal.

As personagens e respectivas funções serão:

O Professor – É o professor designado pela ESE, competindo-lhe a supervisão pedagógica dos estudantes, através do acompanhamento direto (presença física) e indireto (entrevista aos profissionais, leitura e discussão de registros) da aprendizagem, adequando o tempo disponível às diferentes necessidades dos estudantes, tendo em conta a diversidade que envolve o acompanhamento de cada estudante.

O Enfermeiro Chefe – É o enfermeiro responsável pela articulação serviço/escola, de acordo com as funções definidas na Carreira de Enfermagem.

O Coordenador Pedagógico da equipa – É um enfermeiro do serviço, nomeado ou selecionado competindo-lhe a articulação entre os elementos da equipa de enfermagem, no sentido de proporcionar condições e oportunidades de ensino/aprendizagem aos estudantes, procurando reunir com e na equipae, contributos para uma formação enriquecedora dos futuros profissionais.

O Enfermeiro Tutor – É o enfermeiro do serviço, nomeado ou selecionado para orientar um ou dois estudantes, cabendo-lhe a supervisão das atividades (planejamento execução e avaliação dos cuidados prestado ao utente, família ou comunidade), competindo-lhe decidir o âmbito de ação do estudante (em que situações poderá intervir), tendo em conta os objetivos de aprendizagem do estudante e da ESE.

O Estudante – É o destinatário da aprendizagem em ECE. Terá um enfermeiro designado para o orientador (enfermeiro tutor), sendo o seu horário o mesmo do profissional, num máximo de 35 horas semanais. Sempre que ocorram trocas no horário do enfermeiro tutor e não seja possível ao estudante acompanhar as trocas efetuadas, assiste-lhe a possibilidade de desenvolver as atividades noutra local e hora, previamente acordado entre o Enfermeiro Tutor, o Coordenador Pedagógico da equipe e o Professor.

Neste modelo deverá considerar-se que a distribuição dos estudantes pelos Enfermeiros Tutores poderá sofrer rotatividade, sempre que razões de ordem técnica, ética, relacional ou educativas o exijam, as quais deverão ocorrer quando o professor e/ou enfermeiro coordenador pedagógico entenderem conveniente e de acordo entre si.

CONCLUSÕES

O tipo de supervisão 3 foi dos mais escolhidos entre os docentes, enfermeiros e no geral. Contudo dos cinco tipos de supervisão verificou-se existir diferença entre os tipos de orientadores apenas no tipo 4

(valor mais elevado nos enfermeiros que nos professores), e existir diferença entre as categorias de orientador apenas nos enfermeiros para os tipos 1, 3 e 4 preferindo os não especialistas (enfermeiros) o tipo 3 ou 4 e menos o tipo 1.

Dos resultados obtidos não ressalta uma clara escolha por um tipo de orientação, mas sim diferenças de opinião que provavelmente terão mais a ver com “atitude defensiva” dos atores, o que vem de encontro à nossa preocupação inicial da ausência de modelos estruturados para a orientação de estudantes em ECE.

Face à ausência da definição de modelos, onde seja incluída a clarificação dos papéis dos diversos atores no ECE, este trabalho procura contribuir para a definição de um modelo de supervisão. Apresenta-se uma proposta partindo dos tipos de orientação que obtiveram valores mais elevados, o conhecimento dos contextos, a experiência de 18 anos como professor, partilha de opiniões com outros atores e a reflexão sobre a problemática em estudo. Consciente de que importa refletir sobre as práticas com base nos resultados acredita que a proposta aqui apresentada poderá ser um contributo para a clarificação de papéis e de contextos.

O modelo proposto, com os seus 4 aspectos e a definição dos principais intervenientes procura dar uma visão global do processo de supervisão, não se centrando apenas num aspecto em particular. O autor está consciente de que embora a proposta é um ponto de partida, ela está a ser atualmente implementada em vários serviços e por vários professores. Aparentemente tem contribuindo para regular e clarificar os diferentes aspectos dos atores e do ECE e conduzido a uma melhor relação entre os atores, um melhor acompanhamento dos estudantes e conseqüente melhor aprendizagem.

Ao refletir sobre este modelo o autor encontra como vantagens a inclusão de mais estudantes num serviço, o acompanhamento personalizado, maior estabilidade na aprendizagem, mais oportunidades de aprendizagem, maior envolvimento dos enfermeiros no processo ensino/aprendizagem e maior disponibilidade para o professor. Na idealização deste modelo ponderou-se o fato de os serviços terem um enfermeiro responsável pelas atividades de formação no serviço. Contudo entendeu-se que deve ser designado outro enfermeiro para esta função, na medida em que são atividades diferentes e permite envolver um maior número de enfermeiros nas várias tarefas da equipe.

Como sugestão fica a realização de estudos sobre a aplicação deste modelo, integrando a opinião dos estudantes, preferencialmente os do último ano, por serem os que têm mais experiências em termos de ECE.

REFERÊNCIAS

1. Carvalho A. Avaliação da aprendizagem em ensino clínico no curso de licenciatura em enfermagem. Lisboa: Instituto Piaget; 2004.
2. Directiva 2005/36/CE – Jornal Oficial nº L 255 (07-09-2007).
3. Carvalhal R. Parcerias na formação. Papel dos orientadores clínicos: perspectiva dos actores. Loures: Lusociência; 2003.
4. Fonseca M. Supervisão em ensinos clínicos de enfermagem: perspectiva docente. Coimbra: Formasau; 2006
5. Abreu W. Supervisão, qualidade e ensinos clínicos: que parcerias para a excelência em saúde. Coimbra: Sinais Vitais; 2003
6. Vieira F. Supervisão: uma prática reflexiva de formação de professores. Rio Tinto: Edições Asa; 1993.
7. Alarcão I, Tavares J. Supervisão da prática pedagógica: uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem. Coimbra: Livraria Almedina; 1987.
8. Nóvoa A. Profissão Professor. Colecção ciências da educação. 2ª ed. Porto: Editora Porto; 1995.
9. Alvarez González M. Modelos de intervención en orientación profesional. In Orientación e inserción profesional. Barcelona: Estel; 1998. p.129-171.
10. Franco J. A orientação de estudantes em ensino clínico de enfermagem: problemas actuais e perspectivas de actuação [dissertação]. Universidade Portucalense – Mestrado em Administração e Planificação da Educação; 1999.

Sources of funding: No

Conflict of interest: No

Date of first submission: 2007/10/11

Last received: 2007/12/03

Accepted: 2007/12/05

Publishing: 2008/01/01

Address for correspondence

João José de Sousa Franco
Rua 5 de Outubro – Apartado 55
Coimbra – Portugal (PT)
3001-901